Comércio enfrenta décimo mês de queda nas vendas

10 NOV 1998

Nem o Dia das Crianças salvou. Pesquisa da Fecomércio mostra que os prejuízos aumentaram 0,85% de setembro para outubro

Flávia Filipini
Da equipe do **Correio**

No início de outubro, quando a Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio) apresentava os números negativos das vendas de setembro — a queda em relação a agosto foi de 1,99% —, os empresários reagiram adotando uma atitude otimista. Sofrendo com nove meses consecutivos de queda, eles apostaram tudo no Dia das Crianças, 12 de outubro. Reforçaram as promoções, diminuíram os preços e esperaram que outubro fosse o mês da virada.

Mas na segunda quinzena do mês, bastava um breve passeio pelos corredores dos shoppings para perceber que o esforço do comércio foi em vão. O cenário formado por lojas vazias e vendedores ociosos confirmava mais um mês de prejuízos.

Pesquisa da Fecomércio revela que nem as compras para a criançada conseguiram evitar o décimo mês de queda sucessiva: as vendas de outubro em relação a agosto caíram 0,85% e a redução acumulada desde janeiro chegou a 43,2%. Nos últimos seis meses, o percentual de outubro foi o menor. Por isso, os lojistas agora estão apostando numa reação, mesmo que atrasada, a partir deste mês. "Acredito que a situação do comércio nem é mais de recessão e sim de depressão", avalia o economista Roberto Piscitelli, presidente do Conselho Regional de Economia. Depressão se caracteriza por desemprego acentuado, produção e consumo reduzidos e queda livre nos preços.

Segundo o economista, diminuição nas vendas em outubro, por menor que seja, é um fato mais preocupante do que uma grande queda no início do segundo semestre. Tradicionalmente, as vendas apresentam um reação a partir de julho ou agosto, crescem com mais força a partir de setembro e chegam ao máximo em dezembro. Isso aconteceu em 1997. Naquele ano, o comércio comemorou em dezembro um crescimento acumulado de 18% nos doze meses.

"Mas, este ano, todos os dados indicam que teremos um Natal amargo e um agravamento da crise no próximo ano. Não podemos ser otimistas diante do pacote anunciado pelo governo", diz Piscitelli, avaliando que as medidas de ajuste fiscal anunciadas pelo governo para diminuir o déficit público deverão atingir em cheio o comércio. "Vão aumentar a contribuição previdenciária, diminuindo o poder de compra do servidor, sem, porém, reduzir os juros. A situação vai piorar."

RECESSÃO

Os indícios nos quais o economista se baseia para formar sua previsão pessimista são fornecidos pela própria Fecomércio. A pesquisa divulgada ontem mostra que a inflação no DF foi negativa pelo quinto mês consecutivo — de 0,72% em relação a setembro e de 4,89% no acumulado dos cinco meses. Os especialistas analisam que um quadro recessivo é sinalizado a partir de três meses de inflação negativa.

Outros sinais de que a situação não será nada boa nos próximos meses são constatados por pesquisas anteriores da federação dos comerciantes locais. Por exemplo, na semana passada, foi constatado que a maioria (51,5%) dos assalariados do DF vai usar o 13º salário para quitar dívidas — apenas 16,5% disseram que vão fazer compras. Um outro levantamento mostrou que 89% dos comerciantes não pretendem contratar funcionários temporários em dezembro porque não esperam um grande movimento.

Apesar de fornecer subsídios para os economistas fazerem previsões negativas, o presidente da Fecomércio, Sérgio Koffes, está otimista em relação às vendas no final do ano. Ele ainda confia que o resultado será igual ao do ano passado. "Teremos um Natal de criatividade. Os comerciantes precisarão apostar nos produtos mais baratos. O faturamento será menor, mas as vendas ficarão no mesmo patamar das do ano passado."

Koffes estuda a adoção de medidas que possam contribuir para a recuperação das vendas. Uma delas será fechar acordo com as administradoras de cartões de crédito. Ele sugere que as empresas reduzam as taxas de serviço para os comerciantes (hoje em torno de 10%) ou facilitem o pagamento ampliando os parcelamentos sem juros.

MOVIMENTO MENOR

-0,85%
foi a queda nas vendas de outubro comparadas com setembro

-43,2%
é a queda acumulada de janeiro a outubro em relação ao mesmo período de 1997

Os que mais sofreram

Concessionárias de veículos
-5,28%

Lojas de departamentos
-2%

Lojas de tecidos
-1,94%

Tentando vender, o comércio baixou preços nos últimos cinco meses, período que registrou deflação de
-4,89%

O dirigente também chama atenção para a queda da inadimplência. Em outubro, 2,28% dos consumidores atrasaram os pagamentos de carnês e 4,31% passaram cheques sem fundos. Em setembro, esses índices eram de 3,48% e 5,35%, respectivamente. "E a tendência é de uma queda ainda maior com o pagamento do 13º salário", avalia Koffes.

Em outubro, segundo pesquisa da Fecomércio, os consumidores passaram a usar mais cheques pré-datados — 32,55% das compras feitas foram parceladas dessa forma, enquanto em setembro o percentual foi de 30,50%. Esse aumento, segundo Koffes, mostra que os assalariados começaram a gastar por conta do 13º, evitando, porém, as altas taxas de juros. Esse comportamento também pode ser sentido com a redução das compras financiadas: de 6,72% em setembro para 4,64% em outubro.

Entre os segmentos que apresentaram as maiores quedas nas vendas estão veículos (5,28%), lojas de departamento (2%) e lojas de tecidos (1,94%).